

O professor Mário Schenberg: presenteado com flores e um simpósio especial na USP

FOTOS CRISTINA VILLARIES

"Schenberg é um gigante que resistiu às grandes lutas", disse Leite Lopes, 65 anos, professor da Universidade de Estrasburgo, na França, na sessão de abertura, quando também foi lançado um volume especial da Sociedade Brasileira de Física em homenagem a Schenberg. "É criativo, seguro, trabalhador - um homem de coração", qualifica César Lattes, 60 anos, professor de física da Universidade Estadual de Campinas (SP), aluno de Schenberg no curso de astrofísica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, em 1943, e que não compareceu ao simpósio porque estava doente. Reconhecido, Lattes assina um dos 25 depoimentos que constituem o livro *Schenberg*

GLEIDE SELMA

*Entre-Vistas*, a ser lançado neste mês pela Editora Perspectiva.

Guiando-se pela intuição, que considera a mais importante faculdade do homem, Schenberg abriu-se sempre, sem resistências, à intensa curiosidade que é um estímulo permanente em sua vida. Aos 10 anos, morando em Recife, onde nasceu, numa família de origem russo-judaica, vasculhava jornais à cata de notícias sobre a China, por razões que ele próprio não sabe explicar até hoje - e tornou-se, mais tarde, um grande conhecedor de pintura oriental. "Em princípio, sou capaz de me interessar por tudo", explicava Schenberg com simplicidade, na semana passada, examinando atentamente os livros de seus companheiros de mesa, na noite em que autografou o seu *Pensando a Física*, da editora Brasiliense, na VIII Bienal do Livro, em São Paulo.

Formado em engenharia, em 1935, e em matemática, em 1936, pela USP, trabalhou na Europa e nos Estados Unidos com cientistas laureados com o Prêmio Nobel de Física - como o austríaco Wolfgang Pauli, premiado em 1945, o italiano Enrico Fermi, um dos pais da bomba atômica, em 1938, o britânico Paul Dirac, em 1933, e o indiano Subrahmanyan Chandrasekhar, em 1983. Na física, Schenberg trilhou um rico e variado percurso, assinando trabalhos sobre raios cósmicos, mecânica dos *quanta*,

PERSONALIDADE

# O sábio Schenberg

Nos 70 anos, homenagens a um mestre da física

O físico Mário Schenberg, um luminoso expoente da ciência no Brasil, é capaz de discorrer, com extrema desenvoltura, sobre a situação política do país, que acompanha com atenção e engajamento, ou a cultura islâmica, por exemplo, ou sobre os requintados versos de Ezra Pound (1885-1972), que considera o grande poeta americano deste século. Refinado crítico de artes plásticas, dispõe-se a orientar, com inesgotável paciência, jovens artistas anônimos às voltas com suas primeiras pinceladas. A natureza tão diversificada do seu interesse e conhecimento ajuda a explicar por que seu 70º aniversário, completado discretamente no dia 2 de julho, está sendo comemorado, um mês depois, por uma dedicada e heterogênea confraria de amigos e admiradores. "Ele se ajusta com perfeição à referência 'sou humano, e nada do que é humano me é estranho', do poeta latino Terêncio", define o físico Alberto Luiz da Rocha Barros, seu antigo companheiro no Instituto de Física da Universidade de São Paulo (USP) - e um dos organizadores do

"Simpósio de Física em Homenagem ao 70º Aniversário do Professor Mário Schenberg", encerrado na última sexta-feira, em São Paulo.

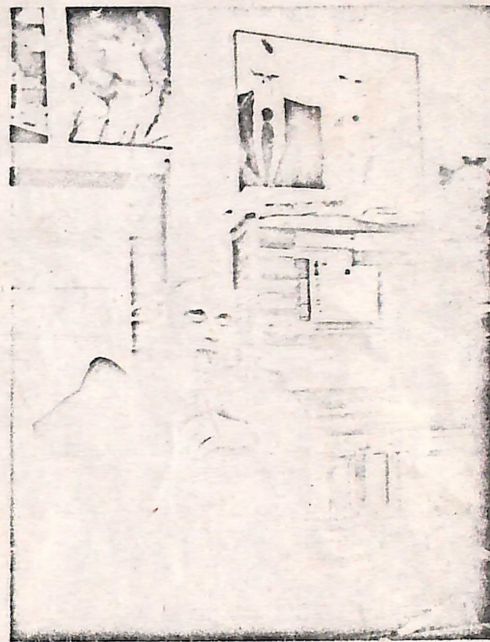
A nata dos físicos brasileiros foi homenagear Schenberg. Lá estavam, por exemplo, os professores Oscar Sala, José Leite Lopes, Ernst Wolfgang Hamburger e o geneticista Crodowaldo Pavan, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.



Amigos: Pavan, Goldemberg, Hamburger, Barros e Lopes



Na Bienal, para lançar o livro "Pensando a Física": interesse geral



Em casa, com livros e ídolos

partículas elementares e teoria da relatividade geral. Com o astrofísico americano George Gamow, da Universidade George Washington, em Washington, realizou, em 1940, um importante e fundamental estudo sobre os mecanismos que geram as estrelas supernovas na nossa constelação, a Via Láctea, fenômeno observado a intervalos de centenas de anos em determinadas estrelas que se tornam, em pleno dia, mais brilhantes do que o Sol. "Schenberg teria ganho o Prêmio Nobel se continuasse a viver no exterior", imagina o físico José Goldemberg, 54 anos, professor da USP e presidente da Companhia Energética de São Paulo (CESP).

A possibilidade de acumular premiações, no entanto, não foi suficiente para motivar Schenberg a radicarse fora do Brasil. "Gosto de ir e vir, viajar é uma das minhas paixões", revela, preparando-se para embarcar, em meados deste mês, para uma estada de seis meses no Japão, a convite da Universidade de Tóquio. Mudar-se em definitivo, além disso, implicaria desfazer-se de tudo o que, meticulosamente, acumulou ao longo da vida - quadros, livros, objetos de arte, coleção de isqueiros, papéis com anotações, que ocupam todos os cantos da casa onde reside, no bairro do Sumaré.



Lourdes, a mulher: "Ele é lunático" Ana, a filha: "Era mau professor"

"Mário não sabe livrar-se das coisas - é um lunático, sem afinidade com o cotidiano", descreve a artista plástica Lourdes Cedran, sua segunda mulher há catorze anos. "Ele enfrenta com bom humor os grandes problemas, mas se irrita com as coisinhas do dia-a-dia - uma campanha quebrada pode tirá-lo do sério", confirma a bióloga Ana Clara Schenberg Frascino, única filha de Schenberg com Julieta Andrade, ex-mulher do escritor Oswald de Andrade. Ana Clara, que realiza uma pesquisa de engenharia genética no Instituto de Química da USP, se recorda de renitentes crises de mau humor do pai quando - ironicamente, para filha de um grande físico - trazia no boletim notas baixas em física. "Ele não conseguia esclarecer minhas dúvidas e eu nunca arranjava professor particular, porque eles se intimidavam com o meu sobrenome", conta Ana Clara.

Se Schenberg, na carinhosa definição da mulher, é um "lunático", o que se passa à sua volta, no entanto, é alvo constante de observações mordazes e de uma crítica rígida e persistente - que o levaram duas vezes à prisão, em 1948 e em 1965; por suas ligações com o Partido Comunista Brasileiro. "Saí de lá como entrei, meu pensamento não mudou", conta Schenberg, ainda integrado à luta pelo reconhecimento do PCB. Marcas mais resistentes lhe deixou a aposentadoria compulsória com base no Ato Institucional nº 5, em 1969. quando lecionava mecânica racional e celeste superior na USP. Em 1982, anistiado, retornou ao Instituto de Física, onde hoje dá cursos de mecânica estatística e teoria da relatividade geral, além de orientar teses de pós-graduação - já agora como professor emérito da USP, título que lhe foi conferido em junho. "Sou incuravelmente otimista", justifica. E tem mais coisas a ensinar aos jovens além de simples conceitos. Investe especificamente num preceito que qualifica como fundamental para o trabalho científico - a inventividade sem medo. "Quem não tem coragem intelectual não desenvolve uma teoria científica original", lembra Schenberg. Sua vida, até agora, é um atestado disso.

Cida Tsiar▲